

## CONFERÊNCIA DE ABERTURA

### PAISAGENS DA EXILIÊNCIA: FRONTEIRAS REAIS E SUTURAS IMAGINÁRIAS

Ana Paula Coutinho

FLUP/ILC

Dado que não existe paisagem sem representação, também as narrativas, literárias ou visuais, fazem parte da configuração territorial, isto é, participam da nossa apreensão da paisagem enquanto noção estruturante da realidade física e cultural. Interessa, por conseguinte, interrogar-nos sobre os contornos e as repercussões dessa configuração narrativa quando envolve indivíduos que, por força de convenções estéticas, de conveniências sociais ou de determinações políticas, são excluídos da “paisagem”, ou melhor, tendem a (sobre)viver à margem daquilo que, no seu *Court traité du paysage* (2007), Alain Roger apelida de padrões artísticos ou artializados da paisagem. Através da exploração de algumas dicotomias - mas que são sobretudo tensões - como **visibilidade/invisibilidade** e **proximidade /distância**, procurarei mostrar que aquilo a que chamo **paisagens de exiliência**, na senda de um neologismo avançado por Alexis Nouss (2015), não pode senão integrar uma geocrítica (Westphal, 2007) que não se limite a dar conta da transformação dos lugares reais por processos de deslocação prolongada, mas que, pelo contrário, inclua configurações da subjectivação dos exilados, do seu modo de habitação, leia-se, da sua própria interiorização do(s) espaço(s). Com efeito, julgo que esses são elementos fundamentais para a compreensão da espacialidade de todos aqueles que, extravasando dos lugares e de qualquer paisagem fixa e canónica, exigem uma atenção simultaneamente aguda e distanciada, capaz de contribuir para a diminuição das múltiplas, e sempre de alguma forma violentas, «paisagens de segregação» no mundo contemporâneo.